

Director

JORGE PEIXOTO COUTINHO

Conselho de Direcção

JOÃO MANUEL CORREIA RODRIGUES DUQUE

JOSÉ DA SILVA LIMA

JOSÉ PAULO LEITE DE ABREU

MANUEL MOREIRA DA COSTA SANTOS

Secretário

ANTÓNIO AZEVEDO OLIVEIRA

Redacção e Administração

Faculdade de Teologia

Rua de Santa Margarida

4710-306 BRAGA (Portugal)

☎ 253 613 301 FAX 253 615 285

Email: teo@mail.crbr.ucp.pt

Condições de assinatura

Portugal: 4000\$ (20 €)

Outros países: USA \$.35

Fascículo: 2500\$ (13 €)

Fascículo especial: 3000\$ (15 €)

Fascículo atrasado: preço actual

*Periodicidade* : Semestral

*Propriedade* : Faculdade de Teologia-Braga (UCP)

*Capa* : Carlos Barbosa

*Composição e impressão* : Barbosa & Xavier, Lda., Artes Gráficas - Braga

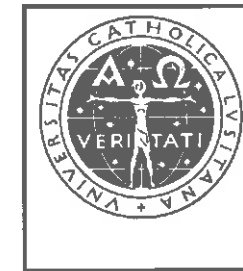
*Depósito Legal* : 1711 / 83

*ISSN* : 0872-234X

*Imprimatur* : Jorge Ortiga, Arch. Primas (01.12.06)

# THEOLOGICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA - BRAGA



## Sobre a obra missionária de Braga e de Portugal

Comemorando 5 Séculos de Evangelização  
e Encontro de Culturas

II SÉRIE VOL. XXXVI FASC. 2  
2001

B R A G A

gregações mais numerosas as Franciscanas Missionárias de Maria e Combonianas, com 36 cada, as de São José de Cluny com 34, as Hospitalleiras da Imaculada Conceição com 33, as Franciscanas Vitorianas com 30, as de Santa Doroteia com 24 e as Franciscanas Missionárias de Nossa Senhora com 20.

O campo de trabalho está assim distribuído: 264 em África, 75 na América Latina, 4 na Oceania, 2 na América do Norte.

Dessas 20 Congregações, 14 disseram ter missionárias oriundas da Arquidiocese de Braga, concretizando as Teresianas (4) e as de Santa Doroteia (4). Afirmaram não ter nenhuma as Vicentinas, as Concepcionistas ao serviço dos pobres, as Franciscanas Vitorianas e as Hospitalleiras do Sagrado Coração de Jesus, o que é de admirar nesta última Congregação, dado o trabalho pastoral e social que aqui desenvolve.

c) Das referências feitas, conclui-se que o continente preferido pela missionação portuguesa é a África, certamente pelos longos séculos de presença portuguesa, seguindo-se a América Latina. A Ásia só tem 16 missionários, sendo 4 jesuítas e 3 combonianos

d) Neste século de mártires, como o Papa designou o século XX, será oportuno lembrar que nele foram martirizados o P. Adélio Ribeiro Lopes, Espiritano, de Areias de Vilar, Barcelos, raptado e assassinado na Bela Vista, Angola, em 13.07.1976; a Irmã Maria de Oliveira, das Franciscanas Missionárias de Maria, de Vermil, Guimarães, raptada e assassinada em Dalam, Angola, aos 9.08.1984; e o Ir. Manuel de Sousa, dos Irmãos das Escolas Cristãs, de Bouro, Amares, fuzilado em Espanha na Guerra Civil em 1936.

e) Das publicações missionárias em Portugal distribuem-se mensalmente 131.070 exemplares de revistas e 108.040 exemplares de jornais.

Aqui ficam as duas notas breves que me pediram e que espero possam fazer um prolongamento dos trabalhos anteriores.

## A Missão hoje

ARLINDO DE MAGALHÃES RIBEIRO DA CUNHA

Num qualquer dicionário teológico anterior ao Concílio Vaticano II, a noção de evangelização é clara: «acção que consiste em levar o Evangelho, a Boa Nova da Salvação, àqueles que ainda a não receberam»<sup>1</sup>. A evangelização destinava-se exclusivamente *ad gentes in partibus infidelium*, aos povos da África e da Ásia, nomeadamente, ontem também aos da América Latina (a do Norte havia sido evangelizada sobretudo pelas Igrejas reformadas).

No próprio Vaticano II era ainda assim que se entendia a evangelização: ela é uma das tarefas específicas da Igreja (uma entre outras). Seguindo o exemplo de Cristo e dos próprios Apóstolos, ela visa «pregar a palavra da verdade e gerar igrejas» em toda a terra<sup>2</sup>. Dizia assim o Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja (*Ad Gentes*). Antes porém, já a *Lumen Gentium* tinha afirmado que «a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que, segundo o desígnio de Deus Pai, tem a sua origem na *missão* do Filho e na *missão* do Espírito Santo»<sup>3</sup>. A missão, portanto, faz parte essencial da Igreja.

De qualquer modo, ao longo praticamente de toda a história da Igreja, a noção de missão tinha a ver com duas coisas: a conversão de indivíduos ao Evangelho e a criação de Igrejas locais, tendo como pano de fundo aquela célebre afirmação de que «fora da Igreja não há salvação». Dito doutro modo: as almas dos infiéis perder-se-iam sem a prega-

1. *Dictionnaire de la Foi chrétienne*, I, Paris: Cerf, 1968, p. 282

2. *Ad Gentes* 1; a citação, do próprio Concílio, é de Santo Agostinho.

3. *Ad Gentes* 2.

ção evangélica (ou melhor, sem o Baptismo), e os que de qualquer modo haviam já chegado à fé estavam definitivamente evangelizados. Em traços muito largos, foi nesta perspectiva que se processou a evangelização a partir dos séculos V/VI: dos bárbaros, dos rurais, dos eslavos, dos índios em geral (ameríndios, africanos ou hindus), povos que ainda não conheciam sequer o nome de Jesus.

Dizia que o Decreto *Ad Gentes* do Vaticano II se coloca ainda praticamente só nesta perspectiva: «O fim próprio da actividade missionária da Igreja é a evangelização e a sua implantação nos povos ou grupos em que ainda não está radicada»<sup>4</sup>. Ainda no século passado havia muitas áreas do globo aonde este anúncio não tinha chegado. Por isso, a Igreja Católica desenvolveu nessa altura um grande esforço neste sentido: durante o Papado de Pio IX cresceu imenso na Igreja Católica a missão *Ad gentes*, muitas vezes confundida com a acção colonizadora europeia.

Entretanto, de há muito que importantes mutações aconteciam no tecido social e eclesial. O Iluminismo, a Revolução Francesa e finalmente a Revolução Industrial são três referências essenciais na gestação de um mundo novo em que a velha cristandade se desfez e surgiram novas áreas, humanas e geográficas, caracterizadas por um profundo afastamento da fé e da Igreja. As Novas Realidades levariam a Igreja a perder, por exemplo, o mundo da Cultura e da Arte, a classe operária, e veria ainda profundamente transtornada a sua implantação paroquial com o surgimento das novas grandes cidades industriais e suas cinturas proletárias, com a migração interna e o desenraizamento de grande parte das populações até então rurais; numa palavra, sentiria grandes dificuldades em entender-se com um mundo cheio de *Rerum Novarum*. Na prática, a Igreja refluíu para os templos entregando o mundo ao diabo: já em 1942 Mons. Ancel confessava que «apesar de todos os esforços levados a cabo por padres e leigos, havia que reconhecer os avanços da descristianização»<sup>5</sup>.

Por essa altura – 1943 – dois padres operários franceses – Henri Godin e Yves Daniel – publicaram um livro polémico e hoje célebre, *France, pays de mission?* Quando muitos pensavam «que a Igreja vai morrer», como reconhecia o Cardeal Suhard, de Paris<sup>6</sup>, eles provocaram ou propuseram uma reformulação da velha e ineficaz pastoral paroquial

4. *Ad Gentes* 6,4.

5. ANCEL – *5 ans avec les ouvriers*, Paris: Centurion, 1963, pp. 28/29.

6. SUHARD, Cardeal – «Triunfo ou declínio da Igreja», in *Deus, Igreja e Sacerdócio*, Lisboa: Aster, 1956, pp. 10-11.

que passava em muito grande parte por levar a sério o mundo operário entretanto nascido e então a crescer de importância.

Era o apelo do Mundo que vinha muito de trás e que o Vaticano II assumiria nomeadamente com a *Gaudium et Spes*, fazendo assim contraponto ao conceito de evangelização do Decreto *Ad Gentes*.

O Concílio deixaria claro que Deus «não nega os auxílios necessários à salvação àqueles que, sem culpa, não chegaram ainda ao conhecimento explícito de Deus e se esforçam, não sem o auxílio da graça, por levar uma vida recta» (LG 16). Mas estes tanto são hoje os homens do Terceiro Mundo como os do Primeiro, do Segundo ou do Quarto. O conceito geográfico da Missão ou das Missões (ante-conciliar e da *Ad Gentes*) alargava-se agora a todas as áreas do humano a que é necessário levar o Evangelho, porque também estas nunca o ouviram ou lhe perderam as referências. De resto, para lá de zonas geográficas claramente não cristianizadas, há realidades sociais que nunca o chegaram a ser verdadeiramente, sejam a família, o mundo da economia, da política ou da cultura, os novos grupos sociais, a vida profissional ou do tempo livre, a comunidade das nações e seus esforços pela construção da paz, etc. Este é o horizonte da *Gaudium et Spes*.

Assim, o conceito de evangelização do Decreto *Ad Gentes* tem de ser completado pela perspectiva pastoral, nova e clara, da *Gaudium et Spes*. Evangelizar não é simplesmente uma tarefa de dimensão geográfica, é uma tarefa aberta a todo o mundo dos homens e a todos os homens de todos os mundos do Homem. Neste sentido falaria também Paulo VI na *Evangelii nuntiandi* de 1975.

Para celebrar o 25.º aniversário do Decreto *Ad Gentes* de 1965, João Paulo II publicou em 1990 a encíclica *Redemptoris Missio* (A Missão de Cristo Redentor), e nela fez uma análise lúcida da situação da Igreja Católica no Mundo: «O número daqueles que ignoram a Cristo e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento; mais ainda, quase duplicou desde o final do Concílio» (§ 3) [li um dia destes uma palavra tão simples e directa como esta: dizem os sociólogos que a Espanha vai deixar de ser católica no século XXI! ?]; de resto – continuava João Paulo II na *Redemptoris Missio* – «é cada vez mais evidente que os povos que ainda não receberam o primeiro anúncio de Cristo constituem a maioria da humanidade» (§ 40) e «a expansão das seitas constitui uma ameaça para a Igreja Católica e para todas as comunidades eclesiais com quem ela mantém diálogo» (§ 50).

7. MALDONADO, Luís – *El sentido litúrgico. Nuevos problemas*, Madrid: PPC, 2000, p. 75.

Assim sendo, o Papa fala da necessidade de uma profunda evangelização, ou reevangelização, a levar a cabo por toda a parte, nos lugares de cristianismo sociológico ou residual, e naqueles em que o primeiro anúncio está por fazer, humanos ou geográficos, ou seja, em toda a parte, em todos os lugares e a todos os homens.

No mundo antigo, os cristãos, de algum modo, nasciam feitos. Hoje, pelo contrário, é preciso fazê-los, que já ninguém nasce cristão. E é esta tarefa que está ainda muito longe de mobilizar a pastoral concretamente no nosso Primeiro Mundo. O Bispo Ferreira Gomes, do Porto, dizia já em 1973 que «é tempo de pastoralmente mudar»<sup>8</sup>. E, em 1984, os bispos portugueses afirmavam sem hesitar que «urge desencadear uma acção sistemática de grande envergadura no sentido de proporcionar a todos uma verdadeira iniciação cristã inspirada na pedagogia catecumenal da fé»<sup>9</sup>.

É esta, no meu entender, a maior tarefa que se coloca à acção da Igreja, hoje em dia, em qualquer parte do mundo. Só cristãos adultos conseguirão anunciar e testemunhar no mundo e ao mundo, a mensagem de Jesus, o Cristo, Senhor e Salvador.

Está assim profundamente alterado o conceito de evangelização anterior ao Vaticano II mas já desenhado antes dele. Daí que «o empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo ... é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade»<sup>10</sup> e que «a Igreja, precisamente porque é evangelizadora, deve começar por se evangelizar a si mesma. Importa que ela assuma o desafio contido neste mesmo tema: a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constante, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade»<sup>11</sup>

8. «Homilia do Bispo do Porto na erecção da Paróquia de N.ª Sr.ª da Ajuda», in *Igreja Portucalense* 12 (Dezembro-Janeiro de 1972/1973) 21-31.

9. *Mensagem dos Bispos (portugueses) ao Povo de Deus no aniversário da visita do Santo Padre*, 21.

10. PAULO VI – *Evangelii nuntiandi*, 1

11. JOÃO PAULO II – *Ecclesia in Africa*, 47.

## A Missão, hoje Pluralismo religioso anúncio

ISABEL VARANDA

durante séculos a Missão Igreja parecia comandada por ideal de (re)conquista e de conversão das outras religiões e culturas ao Cristianismo, o Concílio Vaticano II vem revolucionar o espírito da Missão, olhando «com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria (a Igreja católica) segue e propõe, reflectem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens» (*Nostra aetate* 2).

A decisão conciliar de considerar «mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs» (*Nostra aetate* 1) decorre deste olhar positivo de reconhecimento «do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo» (*Nostra aetate* 2), das «sementes do Verbo» nelas presentes, embora «adormecidas» (*Ad gentes* 11) e do bem presente «no coração e no espírito dos homens ou nos ritos e culturas próprios de cada povo» (*Lumen gentium* 17).

Se bem que de forma tímida, um passo irreversível é dado no campo das relações da Igreja com as religiões não-cristãs: os Padres conciliares exortam toda a Igreja ao «diálogo e colaboração com os membros das outras religiões» (*Nostra aetate* 2). A palavra diálogo, rara até então nos documentos oficiais da Igreja, inaugura simbolicamente um novo capítulo nas relações entre a Igreja e o mundo e entre o Cristianismo e as religiões não-cristãs, revolucionando, por inerência, o conceito de Missão.

A missão evangelizadora da Igreja, durante séculos configurada numa preponderante postura de anúncio e de conversão dos não-cristãos a Cristo e das outras religiões ao Cristianismo, desenvolve progressivamente, após o Concílio, um eixo de diálogo. Este não vem relativizar,